

A resposta mais comum ao questionamento anti-patriarcal é naturalista, ou seja, argumenta que a superioridade do homem sobre a mulher é algo inerente a natureza. Hoje em dia, sabemos que esta resposta é uma tentativa de calar as vozes questionadoras, afinal a natureza nos revela várias e múltiplas formas de relações entre os seres.

Há tempos, os homens dominam mulheres, animais e a natureza. Por isso, trazer a potência de reflexões que analisam a construção política, histórica e cultural do patriarcado, bem como, menosprezar e renegar aspectos valorizados da supremacia masculina é uma forma de combater o sexismo e propagar valores distantes da violência e coerção patriarcal.



EDIÇÕES **hak
hon** 
hakhon@riseup.net

**VIRTUDES FEMININAS
O MEDO DO FEMININO E A REAÇÃO MISÓGINA**

ESCRITOS ANTISEXISTAS

vol.1

EDIÇÕES **hak
hon** 
hakhon@riseup.net




Escritos Antissexistas




*“A verdade te libertará.
Mas primeiro ela vai te enfurecer.”*

Gloria Steinem



*esta obra não possui direitos autorais,
pode e deve ser alterada e reproduzida
livremente, no todo ou em partes.*

 edições hakhon é um projeto independente,
 autônomo, livre e autogestionado que visa
 levantar questionamentos aos padrões da
sociedade e propagar assuntos de interesse
libertário.

 você também pode colaborar com este projeto
 sugerindo ou disponibilizando textos para novas
publicações através do hakhon@riseup.net ou
 we.riseup.net/edicoeshakhon





Escrava Anastácia era curandeira e ajudava a comunidade negra enferma. Por se negar a ir para a cama com seu senhor apanhou severamente e foi sentenciada a usar uma focinheira por toda a vida. Apenas ao morrer foi lhe retirado o instrumento revelando a sua face completamente desfigurada

Índice

virtudes femininas	3
medo do feminino e a reação misógina	8

para mais informações:

<http://afetadx.blogspot.com.br>
<http://luddismosexual.tumblr.com>
<http://transfeminismo.com>
<http://urana.noblogs.org>
<http://protopia.at>

Ademais, os doutores conseguiram ampla penetração social, como inúmeros estudos mostram, interferindo incisivamente na constituição do imaginário social e sexual, sobretudo por apresentarem-se como portadores do discurso científico legítimo, produtor da verdade e das soluções aos problemas da doença e da morte.

Nesse sentido, o saber médico informou uma série de práticas autoritárias e misóginas, que permitiram justificar objetivamente a exclusão das mulheres de inúmeras atividades políticas, econômicas e sociais, para não dizer das sexuais, estigmatizando aquelas que, como as feministas, se colocaram na contramão. Ao mesmo tempo, propôs alternativas para um reajustamento das relações de gênero, mantendo inalteradas as formas da dominação masculina. Segundo a "brasileirista" Susan Besse (1996), as relações sexuais foram modernizadas, nas décadas iniciais do século, tendo em vista atender às necessidades masculinas, mas não acabar com as desigualdades de gênero.

Contudo, o medo e a aversão ao feminino, visto como o grande desconhecido, não impediu a própria transformação da vida social e das formas culturais ao longo de todo o século XX, principalmente em função da crescente entrada das mulheres no mundo público, a partir dos anos 70.

VIRTUDES FEMININAS

Robert Kurz

Segundo o mito bíblico da criação, a mulher nasceu quando Deus retirou uma costela ao homem. Essa imagem patriarcal é ambígua: de um lado, a mulher parece um simples apêndice do homem; de outro, porém, subentende-se que o homem, ao ser "cindido" da parte feminina, é ele próprio ferido e sofre uma perda. O problema, claro, não está no plano da anatomia. A "pequena diferença" que as crianças descobrem precocemente em seus corpos não diz nada de essencial sobre a maneira como as atribuições culturais e sociais são repartidas entre os sexos. A dominância masculina (patriarcado) não decorre de caracteres biológicos, mas é um aspecto central da forma social, sendo portanto o resultado de processos históricos.

Por isso o patriarcado está longe de se verificar em todas as culturas. Na história sempre houve sociedades que conheceram uma relação bastante igualitária entre os sexos. E cotejos interculturais mostram que também aquelas "qualidades" sociais ou psíquicas, rotuladas com aparente espontaneidade como "tipicamente femininas" ou "masculinas", podem apresentar-se sob formas totalmente contraditórias em épocas diversas, em diversas estruturas sociais e modos de produção.

O universalismo abstrato do moderno sistema produtor de mercadorias sempre deu a impressão de ser de certo modo sexualmente neutro. Mercadoria é mercadoria e dinheiro é dinheiro; onde estaria inscrita aí uma valoração dos sexos? A sobrevivência das estruturas patriarcais na família e na sociedade podia parecer assim, numa análise superficial, um mero resquício do passado pré-moderno. Nesse sentido, o feminismo reivindicou desde a Revolução Francesa uma "igualdade de direitos", sugerida como promessa pela forma universal da economia monetária moderna. Desse ponto de vista, a redução masculina do lema "liberdade, igualdade, fraternidade" era um puro arbítrio da dominação masculina subjetiva herdada do passado, devendo ser ampliada para abarcar a dimensão da "sororidade".

Até algum tempo atrás o feminismo como política não foi além da exigência de participação feminina no universalismo do moderno sistema produtor de mercadorias. O "homem abstrato", o átomo individual da sociedade, pode ser tanto homem quanto mulher. De outro lado, a pesquisa histórica e sociológica feminista descobriu há tempos que a desvantagem e a depreciação da mulher na modernidade não representam nem um "resquício" de relações pré-modernas nem uma simples vindicação masculina do poder, mas radicam profundamente nessas próprias relações modernas. Isso porque o moderno sistema produtor de mercadorias não é tão universal como parece ser. Ele tem de certa forma um reverso, que permanece obscuro na teoria social oficial. Refiro-me a todos os âmbitos e aspectos da vida que não se podem exprimir em dinheiro. E esse reverso do sistema é tudo menos sexualmente neutro, pois dele foram feitas responsáveis fundamentalmente as mulheres.

Trata-se, por um lado, de certas atividades concretas que se dão no horizonte privado doméstico, para além da produção de mercadorias: cozinhar, lavar roupa, fazer faxina, cuidar dos filhos etc. Por outro lado, essa tarefa definida como "feminina" transcende a atividade meramente mecânica; a mulher deve ainda criar uma atmosfera agradável e afetuosa, na qual não impere o tom cortante da concorrência como "na vida lá fora", no espaço público capitalista da economia, da política e da ciência. A mulher, portanto, é responsável pela "dedicação afetiva", de uma certa maneira, pelo "trabalho amoroso" dedicado ao homem e aos filhos. Assim, é uma das "virtudes femininas" ter fôlego para relações pessoais, ser emotiva e "meiga"; em compensação, o homem deve bancar o intelectual, o durão, alguém pronto para a concorrência. Para tanto, não precisa ser bonito, o que por sua vez é o primeiro dever da mulher.

Ao contrário de opiniões correntes, a modernização não atenuou o patriarcado, mas o agravou. Foi a economia capitalista que primeiro cindiu de forma tão extrema homem e mulher, como se fossem seres de planetas diferentes. Nas sociedades pré-modernas ainda não havia uma divisão estrita entre a produção de bens e a gestão doméstica. Por isso as atribuições sexuais eram também menos unívocas; as mulheres tinham o seu próprio lugar na produção agrária e artesanal. A moderna economia de mercado, pelo contrário, transformou a produção de bens numa esfera economicamente

Numa entrevista realizada em 1996, afirmou: "...as mulheres têm algo de seu para dar, algo de gênero, uma experiência única de uma economia não competitiva: a economia doméstica, em que as crianças têm precedência, em que os velhos estão assistidos porque são velhos, em que cada qual dá o que pode e consome o que necessita, isto é a economia doméstica.

No Brasil, infelizmente, as pesquisas históricas referentes aos discursos científicos e políticos predominantes até os anos 60, masculinos, é claro, permitem perceber muito menos os ecos dessas concepções filóginas, na problematização das relações entre os gêneros, do que a acentuação dos discursos misóginos, produzidos e reproduzidos no contexto das discussões sobre os rumos de construção da nação e a formação do povo.

Principalmente a partir da instalação da República, do início da industrialização, da imigração europeia maciça e da modernização das cidades, desde o final do século XIX, a maioria dos médicos, juristas, políticos, escritores, jornalistas e ativistas políticos, reagiu muito mais negativamente às transformações que desestabilizavam as relações entre mulheres e homens. Para eles, a desestabilização das antigas fronteiras de gênero destruiria a antiga organização familiar e as definições tanto da feminilidade quanto da masculinidade. Muitos reagiam inquietos à emergência das reivindicações feministas, à modernização dos costumes, ao surgimento de novas formas de sociabilidade, ao crescimento das práticas de lazer, dos passeios nas ruas aos novos ritmos musicais e às novidades da moda.

Os médicos tiveram um papel bastante grande na redefinição dos códigos da sexualidade feminina, ao buscar na própria anatomia do corpo da mulher os limites físicos, intelectuais e morais à sua integração na esfera pública. Esforçaram-se para definir a especificidade do corpo feminino em relação ao masculino, acentuando seus principais traços: fraqueza e predestinação à maternidade. Para o importante dr. Roussel, médico iluminista francês, cujas teorias tiveram ampla repercussão no mundo ocidental, na mulher "os ossos são menores e menos duros, a caixa torácica é mais estreita; a bacia mais larga impõe aos fêmures uma obliquidade que atrapalha o andar, pois os joelhos se tocam, as ancas balançam para encontrar o centro de gravidade, o andar é vacilante e inseguro, a corrida rápida é impossível às mulheres", explica Knibiehler

uma suposta "natureza feminina" não invalida suas colocações, afinal as diferenças de gênero, construídas social e culturalmente, marcaram profundamente a formação de nossa identidade ao longo do tempo, assim como a definição dos espaços sociais femininos e masculinos. O filósofo defendia que a luta pela emancipação das mulheres, pela destruição dos preconceitos sexistas, pela igualdade de direitos entre os sexos traria grandes benefícios para a humanidade, pois considerava a cultura masculina como restrita, dura, objetiva e racional, ou seja, excludente de outras importantes dimensões vitais da experiência humana. A entrada das mulheres na vida pública e social poderia, afirmava ele, transformar e enriquecer consideravelmente a maneira de viver, de pensar e de solucionar os problemas individuais e coletivos, inovando em relação aos métodos utilizados e às técnicas produzidas. Num pensamento bastante avançado, pensava muito mais em termos da interação de duas culturas sexualmente determinadas, do que na substituição de uma pela outra. Assim, na medicina, dizia ele, as mulheres dariam uma enorme contribuição, pois tendo um aprendizado diferente de lidar com o corpo e com as emoções, poderiam perceber melhor e mais detidamente o próprio doente.

"Os métodos de exame clínico tidos como objetivos logo se esgotam, se não forem completados por um conhecimento subjetivo do estado do doente e de seus sentimentos, seja esse conhecimento imediatamente instintivo, seja mediatizado por manifestações quaisquer. (...) é por isso que estou persuadido de que, confrontada a mulheres, uma médica, além de ter o diagnóstico mais exato e o pressentimento mais fino para tratar dos casos individuais de maneira conveniente, ainda poderia, sob o ângulo puramente científico, descobrir conexões típicas, não detectáveis por um médico, e dar com isso contribuições específicas à cultura objetiva; porque as mulheres possuem, com sua constituição idêntica, uma ferramenta de conhecimento recusada aos homens." (Simmel, 1993:76).

Na mesma direção, a anarquista italiana Luce Fabbrì, desde os anos 30, acreditou que as mulheres podiam dar uma contribuição especial à cultura dominante, justamente por não terem tido a experiência de guerra dos homens, por não terem participado dos governos, dos exércitos, da polícia e por terem desenvolvido uma cultura salutar, ligada aos cuidados com a vida, com a organização doméstica e com a sobrevivência das crianças e velhos.

autônoma de maximização empresarial abstrata do lucro e, com isso, num aspecto central da esfera pública burguesa dominada pelo sexo masculino. Capitalistas e empresários, como bem se sabe, assim como políticos, são sobretudo homens.

Essa nova e agravada repartição de funções entre os sexos na modernidade não podia ser igualitária. As atividades e condutas definidas como "femininas", é verdade, são tão necessárias à sobrevivência da sociedade quanto a produção de bens, que foi deslocada para o espaço funcional "masculino" da economia empresarial. Mas não se agradeceu às mulheres a sua parte na produção social total. Justamente porque foi feita responsável por tudo o que, pela sua natureza, não se pode exprimir em dinheiro e, portanto, "não tem valor" segundo os critérios capitalistas, a mulher foi considerada como inferior e secundária, a exemplo de suas esferas de atividade e das qualidades e virtudes a si imputadas.

Claro que, na modernidade, sempre se pôde encontrar mulheres na esfera pública burguesa, tanto nas atividades remuneradas da esfera econômica quanto na política, na cultura etc. Mas o estigma de sua depreciação sexual perdurou também nesses âmbitos. Uma mulher com profissão ou politicamente ativa não se desvincula das marcas sociais que lhe são imputadas pela cultura dominante masculina. Ela continua, em princípio, como responsável pela cozinha, pelos filhos e pelo "amor", ou seja, nunca é levada a sério na economia ou na política. E este não é somente um modelo imposto de fora, mas também um aspecto psicologicamente interiorizado pela socialização feminina. Como todos sabem, as mulheres são até hoje em menor número que os homens nas atividades profissionais e públicas; muito mais raramente elas alcançam posições de destaque e, em regra, são pior remuneradas.

Aqui vem à tona o dilema do movimento feminista: para realmente suplantarem o patriarcado, ele teria de pôr radicalmente em questão todo o modo de produção moderno; não no sentido, claro, de uma idealização retrógrada das relações agrárias, mas como exigência de uma forma de organização fundamentalmente diversa das forças produtivas modernas. Enquanto a racionalidade destrutiva e "masculina" da economia empresarial não

for rompida, serão também perpetuadas as formas de atividade e as pseudo-qualidades "femininas" definidas como inferiores e dissociadas na esfera privada. Só para além da divisão estrutural entre uma "lógica do dinheiro", de um lado, e uma "falta de lógica" da vida doméstica, da dedicação pessoal e da emotividade, de outro, se poderia conseguir uma relação emancipatória entre homens e mulheres.

Ao contrário, um feminismo que se limite à exigência de "direitos iguais" no interior do modo de produção dominante terá necessariamente de ficar impotente perante a forma cindida da vida empresarial ou política. O economista alemão Hans Haumer, por exemplo, fala nesse sentido de um "capital emocional" que teria de render "suficientes ganhos". A medida para tanto é um "coeficiente de capital emocional", que indicaria em que ordem de grandeza a "tecnologia humana" da dedicação pessoal reverte em benefício do rendimento da empresa. Isto quer dizer que deve se exigir a sujeição dos trabalhadores às exigências da flexibilidade empresarial, a aceitação de desmandos de toda espécie e o estímulo da produtividade individual de certo modo através duma "racionalização emocional". O chefe "emocionalmente inteligente" evita atritos pessoais e passa aos trabalhadores a sensação de que são amados e reconhecidos, mesmo quando ele os trata como simples material humano. O rendimento do "capital emocional" atingiria o auge de eficiência quando as pessoas, comovidas até às lágrimas, agradecessem ao empresário o fato de serem postas no olho da rua.

Obviamente, há aqui uma reintegração das formas de vida e comportamentos cindidos, mas no sentido errado: o sistema econômico autonomizado começa a tragar as normas, modelos e "qualidades" reservados até agora ao âmbito doméstico e à intimidade, a fim de instrumentalizá-los no sentido da lógica do dinheiro. Só nessa medida os homens pós-modernos são mais emocionais que no passado, enquanto a mulher pós-moderna pode agora empregar de modo economicamente funcional suas "virtudes femininas" assocializadas. O que na mídia é sugerido como distensão na luta dos sexos, sob a forma de futebol feminino, strip-tease masculino ou casamento de homossexuais, na verdade resulta na redução economicamente funcional da vida doméstica dos sentimentos. A androginia consiste em que indivíduos de ambos os sexos mobilizem em igual medida "ternura e dureza" para a concorrência, e aliem a competência

"Já que os homens se tornaram mulheres, as mulheres não têm outra escolha senão ocupar o terreno por eles desertado.", afirmava ela.

Georg Simmel, por sua vez, em um artigo de 1902, apresentava uma posição menos polarizada e indagava sobre a possível contribuição das mulheres ao participarem de um mundo construído objetiva e racionalmente, segundo a visada masculina. Com um olhar profundamente perspicaz, analisava: "...essa cultura, que é a nossa, se revela inteiramente masculina, com exceção de raros domínios. A indústria e a arte, o comércio e a ciência, a administração civil e a religião foram criação do homem, e não só apresentam um caráter objetivamente masculino, como, ademais, requerem, para a sua efetuação repetida sem cessar, forças especificamente masculinas" (Simmel, 1993:74).

Participando mais intensamente do mundo masculino, as mulheres trariam uma colaboração muito enriquecedora, em função de sua formação e experiência singulares, desconhecidas dos homens, desde que aceitas e reconhecidas. Assim, poderiam oferecer o complemento necessário à cultura dominante, caracteristicamente masculina. Nesse sentido, propunha: "O verdadeiro problema cultural que colocamos assim (produzirá a liberdade que as mulheres buscam novas qualidades culturais) só encontrará resposta positiva mediante uma nova partilha das profissões ou mediante uma nova modulação destas, fazendo não que as mulheres se tornem cientistas ou técnicas, médicas ou artistas no sentido em que os homens o são, mas que realizem trabalhos que eles são incapazes de realizar. Trata-se, em primeiro lugar, de estabelecer uma outra divisão do trabalho, de redistribuir os trabalhos globais de uma profissão dada, de reunir depois os elementos especificamente adaptados ao modo de trabalho feminino para constituir esses ofícios parciais, singulares, diferenciados. Não se obteriam, assim, apenas um aperfeiçoamento e um enriquecimento extraordinários de todo o setor de atividade envolvido, mas também se evitaria em boa parte a concorrência dos homens." (grifos meus) (Simmel, 1993:74)

Simmel raciocinava em termos da complementaridade trazida pela experiência feminina, bastante diferenciada da masculina, tanto por questões culturais quanto naturais. O fato de desacreditarmos hoje da existência de

O MEDO DO FEMININO E A REAÇÃO MISÓGINA

Margareth Rago

Deve-se descartar a primeira resposta, já bem conhecida, "À falocracia, as mulheres propõem a vaginocracia!", e perguntar pelo grande medo do feminino na cultura ocidental, medo este historicizado por intelectuais do porte de Jean Delumeau, Mario Praz e Mireille Dottin-Orsini (1994; 1996; 1996). A punição das feiticeiras pela Inquisição desde a Idade Média, a expropriação do saber das parteiras, desde o século XIX, pela medicina masculina, o alarde em torno da figura da "mulher fatal" destruidora da civilização no século XIX, como Salomé, ou na representação de Marlene Dietrich, no filme O anjo azul, de 1930, concomitante à valorização da "rainha do lar", a perseguição policial das prostitutas e não dos clientes são temas já bem explorados. Falemos, então, das reações ao feminismo, por aí entendendo também o medo provocado pela idéia da liberdade feminina.

Esse movimento, ao lado da crescente entrada das mulheres no mundo público, questionou categorias de significação e explicação sociais amplamente aceitas, mostrando sua dimensão falocêntrica, e provocou uma profunda desestabilização das referências sexuais e culturais ao longo do século XX, em várias partes do mundo. Nas quatro últimas décadas, forçou a incorporação das reivindicações colocadas na agenda pública e obrigou a sociedade a perceber e discutir a "questão feminina". Desestabilizou as tradicionais definições das identidades de gênero — que destinavam rigidamente o espaço público para os homens e o privado para as mulheres —, revelando a hierarquização, as relações de poder e a misoginia nelas contida. Assim, se de um lado abriu novas perspectivas para um amplo setor da humanidade, de outro suscitou profundas angústias e medos em outros setores sociais.

Múltiplas reações se fizeram sentir aos avanços femininos e às conquistas feministas, destacando-se a emergência dos debates sobre a divisão dos papéis sexuais, a preocupação com a definição dos códigos da feminilidade e masculinidade, os direitos e deveres das mulheres,

o casamento e o adultério, o controle da prostituição, o perigo da homossexualidade e o próprio feminismo, ao longo do século passado. O clima foi descrito por Elaine Showalter (1994) como sendo de "anarquia sexual". Ante a liberalização dos costumes, a diversificação da vida social e cultural, a emergência de novas práticas de lazer e de novos espaços de sociabilidade, como os bares, restaurantes, cafés-concertos, teatros, cinemas, onde mulheres e homens passavam a desfrutar de um convívio mais intenso, desde o início do século XX, inúmeras vezes levantaram-se amedrontadas, apontando para a "dissolução dos costumes" e para o que supunham ser uma forma de desagregação social. Os debates sobre a definição das esferas sexuais, a ameaça de perda de virilidade da civilização, o avanço dos valores femininos na cultura acirraram as controvérsias entre os teóricos da Modernidade, desde meados do século XIX

Na belle époque vienense, por exemplo, ao lado de Wagner e Nietzsche, Johann Jakob Bachofen, teórico de grande penetração no Brasil e no mundo, autor de O matriarcado. Pesquisas acerca da ginecocracia de natureza religiosa e jurídica no mundo antigo, publicado em 1861, atacava radicalmente a feminização da cultura em curso e o "crepúsculo do patriarcado" (apud Le Rider, 1992). Denunciava o amolecimento da raça, a degradingolação moral, a degenerescência racial, o retorno à cultura dionisíaca, visando valorizar o patriarcado como "a realização dos valores espirituais trazidos pelo cristianismo." Segundo ele, "O progresso da sensualidade corresponde em toda parte à dissolução das organizações políticas e à decadência da vida pública. No lugar da rica diversidade, impõe-se a lei da democracia, da massa indistinta e essa liberdade, essa igualdade, que distinguem a vida de acordo com a natureza da sociedade civil organizada e que se ligam à parte corporal e material da natureza humana."

Otto Weininger, por sua vez, construiu uma teoria da bissexualização da cultura, movimento que caracterizaria os novecentos como decadência estética e moral.

"A extensão que de alguns anos para cá foi assumida tanto pelo dandismo quanto pelo homossexualismo não podem-se explicar senão por uma feminização geral. Não é sem motivo profundo que o gosto estético e sexual deste início de século busca seus modelos na arte dos pré-rafaelitas."

Adolf Loos, em artigo sobre a "Moda Feminina", publicado em 1902, procurava explicar porque a mulher tinha mais necessidade de roupas do que o homem, nos seguintes termos:

"Mas, a mulher nua é desprovida de charme para o homem. (...) Este é o motivo que obriga a solicitar a sensualidade do homem através de sua vestimenta, de excitar nele uma sensualidade doentia que resulta unicamente do espírito da época. (...) A roupa da mulher se distingue exteriormente pelos ornamentos e as cores. A mulher se atrasou em relação à evolução da indumentária. No passado, o homem também usava vestimentas ricamente ornadas. A evolução magnífica que nossa cultura conheceu durante este século teve o feliz efeito de ultrapassar o ornamento. Quanto mais baixo é o nível de uma cultura, mais o ornamento se manifesta nele com força."

Esses autores, cujos livros se encontram com relativa facilidade nas bibliotecas públicas brasileiras, tiveram uma ressonância bastante grande entre nossos pensadores e governantes, que buscavam nas fontes europeias respostas para os problemas do país. Menos conhecidos entre nós foram aqueles que apresentaram questionamentos e respostas alternativas às questões de gênero, a exemplo da feminista Rosa Mayreder, ou do filósofo Georg Simmel, traduzido para o português apenas na década de 90.

Em seu ensaio de 1905, intitulado Crítica da feminilidade, Mayreder trazia uma nova interpretação sobre as razões da emergência do feminismo. Constatava uma profunda crise da identidade masculina na modernidade e o abandono por parte dos "guerreiros" dos espaços e modelos que tradicionalmente ocupavam. Isso sim estaria levando e até mesmo exigindo maior presença das mulheres na vida pública e social, considerava ela. A emergência do feminismo seria, então, explicada menos como uma luta das mulheres pela liberdade, buscando destronar os homens, do que como resultado da feminização e de um certo refinamento da cultura, que fizera com que a forma masculina de vida se aproximasse da forma de vida das mulheres. Essas, aliás, passavam a ocupar os postos outrora dominados pelos homens, por uma necessidade vital e social, uma vez que eles haviam desertado de seus postos.

técnica à competência emocional, a fim de fazer avançar o processo de fazer dinheiro.

Se no passado a vida doméstica emocional da sociedade capitalista era repartida de maneira unilateral, agora ela se acha para sempre destruída. Pois justamente nesse aspecto vigora ironicamente a lei da escassez. O que é consumido em dedicação e sentimento pessoal na empresa, para lubrificar a máquina econômica, perde-se para o âmbito dissociado da vida privada e da intimidade. Se as atividades e condutas "femininas", na qualidade de reverso da produção de mercadorias, não forem superadas juntamente com a economia capitalista, mas forem tragadas por essa mesma economia, então o resultado pode ser apenas uma nova dimensão da crise. Os momentos da vida social necessários, mas não representáveis na forma do dinheiro, não serão assim repartidos igualmente entre homem e mulher, mas virarão ruínas.

O que hoje dá o tom é o modelo mediático da "mulher que quer tudo", que concilia carreira e família, e ainda se embeleza diariamente, para arrancar suspiros como "objeto do desejo". Mas para a maioria isso é exigir muito, algo de todo inviável. A percentagem de mulheres que consegue tal espargata com pompa e circunstância é ínfima. Só uma reduzida minoria de "mulheres de carreira" pode dar-se ao luxo de uma tal ilusão, delegando o fardo da administração do lar, dos cuidados com os filhos etc. a empregadas domésticas (migrantes, negras, desprivilegiadas) que, por sua vez, deixam de ter tempo para seus próprios filhos. A grande maioria das mulheres está absurdamente sobrecarregada com a tarefa de responder, ao mesmo tempo, pelo dinheiro, pelas atividades domésticas e pelo "amor". Na pós-modernidade o patriarcado não desaparece, mas "se embrutece" e se estilhaça em formas múltiplas de barbárie, como escreve a feminista alemã Roswitha Scholz. Este é o mundo que transforma crianças em assassinos e amoques.